

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

FELICIDADE: O FIM ÚLTIMO DO HOMEM

OSMAR CIPRIANO DE BASTOS

Rubiataba / 2002.

OSMAR CIPRIANO DE BASTOS



FELICIDADE: O FIM ÚLTIMO DO HOMEM

Trabalho apresentado à FACER como Requisito parcial à Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos

30741
Socv

Tombo n°.	7.351
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03

DEDICATÓRIA

É com carinho que dedico esta dissertação filosófica a minha esposa, Noeli Fátima da Luz Bastos, pois, sempre esteve disposta a contribuir em minhas dificuldades através de orientações e incentivos. Aos meus pais que sempre me apoiaram em meus estudos. Aos professores do curso de filosofia e aos meus colegas de sala que de certa forma contribuíram com o meu aprendizado.

Sabe-se que o conhecimento é de suma importância para o crescimento do homem, mas só através de grandes reflexões que consegue-se concluir, e são as pessoas mais próximas que tem maior importância para o nosso sucesso.

SUMÁRIO

Introdução.....	4
Capítulo I	5
O que é Felicidade.....	6
A Felicidade na Filosofia.....	8
Capítulo II.....	12
Vida e Obra de Aristóteles.....	13
A Felicidade em Aristóteles.....	15
Razão.....	18
Virtude.....	20
Justiça.....	22
Desejo.....	23
Amizade.....	24
Verdade.....	25
Amor.....	25
A Felicidade segundo o Dicionário.....	26
Conclusão.....	29
Bibliografia.....	34

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se, através de pesquisas, obter-se um conceito de felicidade, mostrar a necessidade que o ser humano tem de estar em busca constante de indagação, sabendo-se que o conhecimento é de suma importância para o seu desenvolvimento pessoal, explicar o significado de felicidade para o ser humano e mostrar-lhe a necessidade que tem de conhecer-lhe as perspectivas de uma natureza. O principal da vida é trabalhar e encontrar a felicidade, é atender ao apelo da vida mas não apenas com o cérebro e sim com todo Ser.

Somente o homem feliz consegue consolidar relacionamentos verdadeiros. A vida pode ser bela e trágica, ela é Dom e graça, é a mais bela da natureza e é com luta e garra que o homem consegue a instância final de sua existência.

Cada pessoa tem consciência de si próprio e da realidade em que vive, a busca do conhecimento filosófico consiste em tomar como objetivo o próprio ato de consciência das coisas. Deve analisar a coisa como ela realmente é para saber se é felicidade. A felicidade é algo exclusivo do homem não dá para partilhar com os animais, só o homem tem condições para procurar a felicidade observando cada coisa que existe no universo.

O homem tem uma faculdade que é planejar o que ele quer fazer, isto é a razão, a qual é a essência do ser humano, e a única coisa que distingue o homem dos animais, é através da razão, do raciocínio que se chega à felicidade a qual deve ser uma atividade, deve estar sempre de acordo com a virtude e manifestar-se não somente durante pequenos períodos, mas em toda a vida, viver sempre segundo a razão.

O primeiro capítulo fala sobre o que é felicidade, e o pensamento de alguns filósofos a respeito de felicidade na filosofia: como Santo Agostinho, Tales, Demócrito, Locke, Leibniz, Kant, Sócrates, Hegel, e Russel.

No II capítulo analisa-se a vida e obra de Aristóteles, a felicidade em Aristóteles, e alguns conceitos de virtude, amor, razão, amizade, desejo, justiça e verdade, e felicidade segundo o dicionário de filosofia.

I

O QUE É FELICIDADE

FELICIDADE

O QUE É FELICIDADE?

" A felicidade é uma condição natural do ser humano."

(Aristóteles)

O preço da vida é a batalha pela a felicidade, a luta constante de tê-la sempre como um fato de estreitar relacionamentos verdadeiros e não deixar que problemas e dificuldades atrapalhem a verdadeira felicidade, pois, eles podem abalar, mas nunca destruí-la, na realidade não são as pessoas, as coisas, problemas ou soluções que nos trazem a felicidade, podem ajudar, mas somente através de nossos pensamentos e atitudes que encontramos a verdadeira felicidade.

A felicidade é possível quando buscamos sempre o recriar e a vontade infinita de viver, com o coração aberto para os sonhos, o amor, a esperança, sendo que a felicidade é encontrada em coisas simples e que lidam com sentimentos e muitos a procuram onde não podem encontrá-la.

Não há uma receita para ser feliz nem solução imediata, e também não é permanente, precisa-se que cada um procura ser feliz do seu jeito, resgatando a originalidade espontânea, e estar sempre em busca de algo e nunca esquecer que felicidade mora no próprio interior. Felicidade é busca incansável, de estar de bem com próprio ego, com Deus, com as pessoas, com a vida e não deixar que problemas prejudique-a .

A busca da felicidade é vinculada à procura do bem supremo e da virtude. Sendo uma atividade da alma, exercício da virtude, e não da posse. A felicidade é uma coisa agradável para quem a possui. A felicidade é um fim a ser atingido, na medida que a buscamos.

A felicidade parece existir simplesmente porque a desejamos, mas não em função de alcançar outro fim. Pois vê-se que a felicidade é qualquer coisa perfeita e que basta a si mesmo, sendo que é o fim de todos os nossos atos. Ao admitir que a felicidade é aquilo que há de melhor, talvez se desejasse conhecer

mais claramente aquilo que ela é, conseguiríamos entendê-la em que consiste a obra do homem.

Pois qualquer obra que se reconhece aquilo que é bom e belo, seria lógico que, no caso do homem, fosse possível formular um juízo semelhante, caso haja perfeita felicidade é uma forma de agir sempre conforme à virtude, é natural de fato alguma obra que lhe seja própria.

A pensar que o deva ser à virtude mais perfeita, isto é, à do homem mais excelente. Que seja o espírito, ou qualquer outro princípio ao qual pertencem naturalmente o império e a preeminência, para além de parecer dever compreender em si a inteligência de tudo aquilo que existe de sublime e de divino, que tal seja mesmo um princípio divino, ou, pelo menos, aquilo que há em nós de mais divino, a perfeita felicidade não poderia ser senão a ação desse princípio orientada pela virtude que lhe é própria, e nós já dissemos que ela é puramente especulativa ou contemplativa.¹

A ação mais efetiva e poderosa da felicidade é o entendimento daquilo que pode ser mais interessante, dentre as coisas mais conhecidas, as mais importantes, são aquelas que pode conhecer. Essa ação pode ser contínua quando sabe-se que a felicidade acompanha todo o processo e mistura com o prazer, dentre esses atos conforme a virtude, e aqueles que são orientados pela sabedoria, maior alegria nos causam.

Esse tipo de virtude se adquire com a repetição de uma série de atos sucessivos, ou seja com hábito: Nós adquirimos as virtudes com uma atividade anterior, como acontece também com as outras artes. Com efeito, é fazendo que nós aprendemos a fazer as coisas que é necessário aprender antes de fazer: por exemplo, tomamo-nos construtores construindo e tocadores de cítara tocando a cítara. Pois bem, da mesma forma, realizado ações justas, tornamo-nos justos; ações moderadas, moderados; ações corajosas, corajosos. Assim, as virtudes tornam-se como que hábitos, estados ou modos de ser que nós mesmos construímos do modo indicado assim como muitos são os impulsos e tendências que a razão deve moderar, também são muitas as virtudes éticas, mas todas tem uma característica essencial que é comum: os impulsos, as paixões e os sentimentos tendem ao excesso ou a falta ao muito ou ao muito pouco; intervindo, à razão deve impor a justa medida, que é o meio caminho ou mediania entre os dois excessos. A coragem, por exemplo, é o meio caminho entre a temeridade e vileza, ao passo que a liberalidade é o justo meio entre a prodigalidade e a avareza. Aristóteles diz muito claramente: a virtude tem a ver com paixões e

¹ GRESSON, André. Aristóteles. Pg. 82.

ações, nas quais o excesso e a falta constituem erros e são censurados, ao passo que o meio é louvado e constituem a retidão: e ambas essas coisas são próprias da virtude. Portanto, a virtude é uma espécie de mediania, porque, pelo menos tende constantemente para o meio. Ademais, errar é possível de muitos, ao passo que age retamente só é possível de um modo. Por essas razões, portanto, o excesso e a falta são próprias do vício, enquanto a mediania é própria da virtude: somos bons apenas de um modo, maus de variadas maneiras.²

A FELICIDADE NA FILOSOFIA

SÓCRATES

Segundo a ética socrática, é fundamental que o homem conheça a si próprio, pois para Sócrates o ponto de partida para a felicidade é conhecer-se a si mesmo. A ética Socrática é baseada na tentativa de uma compreensão do homem. A felicidade de cada um parte de si próprio, o primeiro passo é conhecer-se a si mesmo. Virtuosa é a pessoa consciente de si mesma e esta é capaz de encontrar a verdade que a torna livre e feliz. Pois a verdade é ser o que é, a caminho da finalidade última, a felicidade. E a pessoa só poderá ser realmente quem ela é, se estiver um conhecimento de si próprio. Só conhecendo a si mesmo, o homem pode visualizar o caminho que chega ao bem, a felicidade.

A ética socrática é intelectual, baseada em dois temas: Ignorância e Virtude. No primeiro, o homem age de maneira errônea e no segundo o homem age corretamente. Só conhecendo a si mesmo, que ele pode agir corretamente. Portanto virtuosa é pessoa que se conhece.

“Só sei que nada sei; e só quem sabe que não sabe procura saber.” Para Sócrates, o conhecimento é uma grande busca e só procura se conhecer quem se conhece. Só quem se conhece procura conhecer o caminho da felicidade, conhecer o bem e agir corretamente não deixando de praticá-lo.

Conhecendo se, o homem, tomará posse de si mesmo, conduzindo se para onde quer. E, como almeja o bem maior, a felicidade, irá chegar a esta

² REALE, Giovanni. História da Filosofia. V. I. pg. 204.

felicidade última, pois tem posse e domínio sobre a si mesmo. Só quem se conhece sabe o que quer e procura a conhecer o caminho do bem. É virtuoso, aquele que sabe o que a seu favor (bem) e que ele é contra (mal).

A vida não analisada não merece ser vivida. Viver é analisar a vida, conhecê-la e assumi-la, alcançando seu objetivo; e a vida é a própria pessoa. Analisar, conhecer e assumir a própria vida é, analisar, conhecer e assumir a si mesmo.

Felicidade é um agir corretamente e isso consiste em consultar a si mesmo. É uma constante busca, e esta é que dá sentido a vida, portanto, a felicidade está nesta busca que parte de conhecer-se a si mesmo.

O homem é arquiteto de suas próprias ações e inteiramente responsável pelo que faz e quando ele se conhece, ele poderá agir com virtude, reflexão, construindo e agindo corretamente. Sendo assim, o conhecimento de si mesmo se torna extremamente essencial para se alcançar a finalidade última, a felicidade.

DEMÓCRITO

Ele definia a felicidade como a medida do prazer e a proporção da vida, que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos. De qualquer maneira, felicidade e infelicidade pertencem, sendo que somente a alma, é morada do destino. A relação que estabelece entre felicidade e prazer tem o mesmo significado, sendo a conexão entre o estado definido como felicidade é a relação com o próprio corpo, como as coisas e os homens.

LOCKE

Vê-se que a felicidade é o prazer de sermos capazes, e que a infelicidade pode ser o maior sofrimento. O grau maior pode ser chamado de felicidade e estar tão livre de sofrimentos e Ter tanto prazer presente que não é possível contentar-se com menos.

LEIBNIZ

Crê que a felicidade é um prazer durável, o que não poderia acontecer sem o progresso contínuo em direção a novos prazeres.

SANTO AGOSTINHO

Preocupa em saber se temos ou não noção de felicidade armazenada em nossa memória, porque se isto acontece é sinal de que já fomos felizes. Indaga também se fomos felizes individualmente, ou somente naquele homem que primeiro pecou, em que todos morremos e nascemos na infelicidade.

TALES

Julga ser feliz quem tem corpo forte e alma bem formada. E que goza de boa sorte e sucesso, que constituem os elementos da felicidade.

KANT

Diz que a felicidade é parte integrante do bem supremo, que para o homem é a síntese de virtude e felicidade. O bem supremo não é realizável no mundo natural, seja porque nada garante neste mundo a perfeita proporção entre moralidade e felicidade, em que consiste o bem supremo, sendo que nada garante satisfação plena de todos os desejos e tendências do ser racional, em que consiste a felicidade.

HEGEL

Torna o ideal de um estado ou condição inatingível, a não ser no mundo sobrenatural e por intervenção de um princípio onipotente.

RUSSEL

Nota que é uma condição que ele julga indispensável: a multiplicidade dos interesses das relações do homem com as coisas e com os outros homens, trata-se de uma condição que coloca a felicidade em posição oposta a da auto-suficiência do sábio, que os antigos consideravam o grau mais elevado de felicidade.

II

**A FELICIDADE EM
ARISTÓTELES**

VIDA E OBRA DE ARISTÓTELES

De pura raiz Jônica, a família de Aristóteles estava tradicionalmente ligada à medicina e à casa reinante da Macedônia. Seu pai, Nicômaco, era médico e amigo do rei Amintas II, pai de Felipe. Estagira, a cidade onde Aristóteles nasceu, em 384 a. C., ficava na Calcídica, apesar de estar situada distante de Atenas em território sob a dependência da Macedônia, era na verdade uma cidade Grega, onde o grego era a língua que se falava. A vida de Aristóteles pode se dizer que até certo ponto sua obra, estará marcada por essa dupla vinculação: À cultura helênica e à aventura política da Macedônia.

Ao ingressar na academia platônica, que viria a freqüentar durante cerca de vinte anos, Aristóteles já trazia, como herança de seus antepassados, interesse pelas pesquisas biológicas. Ao materialismo que dominava na academia, ele irá contrapor o espírito de observação e a índole classificatória, típicas da investigação naturalistas, e que constituirão traços fundamentais de seu pensamento.

Por outro lado, embora de raízes gregas, ele não era cidadão ateniense e estava estritamente ligado a casa real da Macedônia. Essa condição de estrangeiro domiciliado numa cidade grega explica que ele não viesse a se tornar, como Platão, um pensador político preocupado com os destinos da pólis e com a reforma das instituições. Diante das questões políticas Aristóteles assumirá a atitude do homem de estudo, que se isola da cidade em pesquisas especulativas, fazendo da política um objeto de erudição e não uma ocasião para agir.

Em 347 a. C., morrendo Platão, Aristóteles deixa Atenas e vai para Assos, na Ásia Menor, onde Hérmiias, antigo escravo e ex-integrante da Academia, havia se tornado governante. É possível que a escolha de Espeusipo, sobrinho de Platão, para substituir o mestre na direção da Academia, tenha decepcionado Aristóteles; sua destacada atuação naqueles vinte anos parecia aponta-lo como o mais apto a assumir a chefia. Três anos depois que Aristóteles havia se transferido para Assos, Hérmiias foi assassinado. Deixou então a cidade, levando em sua companhia Pítias, sobrinha do tirano morto, e que se tornou sua primeira esposa. Mais tarde, morrendo Pítias, desposará Herpilis, que lhe dará um filho, Nicômaco.

Saindo de Assos, Aristóteles permanece dois anos em Mitilene, na ilha de Lesbos. É o momento em que a Macedônia, garantida pelo poderio militar, começa a manifestar suas vastas ambições políticas. Felipe, em 343 a. c., chama Aristóteles à corte de pela e confia-lhe importante missão: a de educar seu filho, Alexandre. Durante anos o filósofo encarrega-se dessa missão. Em 336 a.C., Felipe é assassinado e Alexandre sobe no trono. Logo em seguida prepara uma expedição ao Oriente, iniciando a construção de seu grande império. Nada mais justificava a permanência de Aristóteles na corte de pela. É o momento de voltar a Atenas.

Apesar da estima que Alexandre parece ter devotado sempre a seu antigo mestre, uma barreira os distanciava: Aristóteles não concordava com a fusão da civilização grega com a oriental. Segundo ele, gregos e orientais eram naturezas distintas, com distintas potencialidades, e não deveriam coexistir sob o mesmo regime políticos dos gregos era inseparável de seu temperamento, sendo impossível transferi-lo para outros povos.

Estabelece nítida distinção entre as populações "barbaras" e a polis grega, somente esta sendo uma comunidade perfeita, pois a única a permitir ao homem uma vida verdadeiramente boa segundo os princípios morais. Depois da morte de Alexandre, em 323 a . C., Aristóteles passou a ser hostilizado pela facção antimacedônica, que o considerava politicamente suspeito. Acusado de impiedade, deixou Atenas e refugiou-se em Càlcis, na Eubéia. Ai morreu no ano de 322 a . C .

A partir de declarações do próprio Aristóteles, sabe-se que ele realizou dois tipos de composições: As endereçadas ao grande publico, redigidas em forma mais dialéticas do que demonstrativas, e os escritos ditos filosóficos ou científicos, que eram lições distintas aos alunos do Liceu. As obras exóticas, destinadas à publicação, eram freqüentemente dialogo, imitados dos de Platão . Delas restaram apenas fragmentos, conservados por diversos autores ou referidos em obras de escritores antigos. De dois desses diálogos, ambos escritos enquanto Platão ainda vivia, ficaram vestígios mais ponderáveis: Do Eudemo que, à semelhança do Fêdon de Platão, tratava da imortalidade da alma, e de Protéico, um elogio da vida contemplativa e um convite a filosofia.

Depois que deixou a Academia e durante o período em que esteve em Assos, Aristóteles escreveu o diálogo Sobre a Filosofia, no qual combate a teoria platônica de idéias, particularmente a teoria dos números idéias, que caracterizará a última fase do Platonismo. Como o Timeu de Platão, Sobre a filosofia apresenta

uma concepção cosmológica de cunho finalista e teológico; mas, ao contrário do que propunha Platão, o universo é aí explicado não à semelhança de uma obra de arte, resultado da ação de um divino artesão. As obras de Aristóteles chamadas acloamáticas, ou seja, compostas para um auditório de discípulos, apresentam-se sobre a forma de pequenos tratados, a arrumação desses tratados de modo a constituir as séries que integram os conjuntos das obras de Aristóteles.

A FELICIDADE EM ARISTÓTELES

Ele reconhece que mesmo tendo amigos, deve-se querer em primeiro lugar a verdade e felicidade. Para ele a felicidade pode ser encontrada na terra, ela é humana e que o humano deve querer ser virtuoso quando se trata de verdade. Vê-se o virtuoso, como um contemplador, que raciocina e tem razão sempre sendo superior a tudo, e que a felicidade é próprio do ser humano.

Diz tudo que existe na terra tem uma finalidade, uma função. O homem tem a função de raciocinar, pensar, compreender as coisas que é a essência do homem. Mas nem tudo que o homem faz é em função da felicidade, sendo ele um ser pensante, ele tem que exercitar a razão para assim poder chegar a felicidade.

Ele coloca que o homem um ser de razão, pensante, virtuoso, pode escolher o que é melhor para si e conseguir a felicidade. Segundo Aristóteles, o homem age sempre tendo em vista algo, um objetivo, só que nem sempre sabe o que está fazendo, e muitas vezes não sabe o que é felicidade. Logo tenta mostrar o caminho da felicidade, que é a principal essência da ética, felicidade não é coisa só de momento, mas deve atingir até o fim .

Diz que para encontrar a verdadeira felicidade , deve busca-la em algo próprio de ser humano, sendo assim não deve levar em conta a felicidade do prazer, pois os animais também sentem prazer.

A maioria dos seres humanos sentem prazer, mas um prazer em conflito, não faz bem ao ser. O prazer surge de maneira adequada quando se sabe amar e atingir a felicidade, o fim ultimo do homem.

Nem a honra pode trazer a felicidade, pois segundo os antigos gregos, significava mais ou menos o sucesso e isto não é felicidade, porque a honra não é algo próprio do ser humano.

Diz também sobre a riqueza que não traz a verdadeira felicidade, torna a vida ainda mais absurda porque o Ter coloca contra o próprio homem, pode ser um meio mas nunca um fim, a riqueza, por isso torna tão absurda.

Tudo que o homem faz, que ele imagina, tudo que ele realiza o objetivo é a felicidade. A felicidade não é um meio, ela é o fim de tudo, pois é algo que não vai precisar de mais nada. É uma ação completa, obedecendo o meio termo. A teoria, ela é contemplação, pois leva-nos à semelhança de Deus. Sabe-se que Deus é um ser pensante, por isso ele é feliz.

Além das ciências teóricas, em busca do saber, é necessário as ciências práticas, a qual diz respeito à conduta humana querendo atingir o fim do indivíduo, que leva ao bem. O conjunto das ações humanas que leva ao bem maior que pode ser chamada de felicidade.

A felicidade é o bem maior que é necessário aperfeiçoá-la sempre, usando a razão para que possa diferenciar dos outros animais. Vê que para viver bem é preciso o bom uso da razão, pois esta estabelece a função do próprio homem.

Para ele, o homem necessita de três espécies de bens, que se podem distinguir em: exteriores, corpo e alma. Sabendo que os bens exteriores é um instrumento que tem o limite dentro de suas funções, utilizando os instrumentos, que podem se tornar inúteis a quem os possui. Quanto aos bens espirituais, é ao contrário, quanto mais possui, mais úteis se tornam.

Vê os valores da alma como valores supremos e reafirma que cada um faz parte do intelecto mais elevado, que é a alma racional, que é parte dominante e melhor da qual consistimos precisamente nela. Mas reconhece que a utilidade dos bens materiais em quantidade necessária, pode não trazer a felicidade, mas pode fazer falta a sua ausência.

Quando diremos, que não é feliz aquele que age conforme à virtude perfeita e está suficientemente provido de bens exteriores, e que está destinado a viver assim até morrer. Em verdade, o futuro nos é impenetrável, enquanto a felicidade, afirmamos nós, é um fim e algo de final a todos os respeitos. Sendo

assim, chamaremos felizes àqueles dentre os seres humanos vivos em que essas condições se realizem ou estejam destinadas a realizar-se _ mas homens felizes.³

No geral diz-se que cada um merece a felicidade, na medida em que a virtude, seja capaz de levar o homem a viver em função do bem, podendo torna-lo exemplo de divindade. Feliz e bem-aventurado aqueles que possuem graças por aquilo que é próprio da natureza e por si mesmo.

Sabe-se que a felicidade é acessível ao sábio, pois este, se contenta com mais facilidade consigo mesmo, podendo contagiar outras pessoas e a cidade que reside, pois ele encontra a felicidade em si mesmo, sabendo que é uma bem-aventurança .

O louvor se aplica a coisas do gênero das que descrevemos, evidentemente o que se aplica às melhores coisas não é louvor, mas algo de melhor e de maior, porquanto aos deuses e aos mais divinos dentre os homens, o que fazemos é chamá-los felizes e bem-aventurados. E o mesmo vale para as coisas: ninguém louva a felicidade como louva a justiça, mas antes a chama de bem-aventurada, como algo mais divino e melhor.⁴

A felicidade deve ser considerada independente das coisas externas e ser apontada como objeto da razão, sendo que a felicidade é a própria vida, sendo que pertence ao seres vivos e à vida mais completa e perfeita, pois é próprio da inteligência pura. A felicidade do sábio não pode ser destruída pela falta de sorte, doença físicas e mentais, ou qualquer desconforto, não podendo também ser aumentada pelas circunstâncias favoráveis, sendo isto a própria bem-aventurança.

Para Aristóteles, a escolha diz respeito apenas aos meios, não aos fins; portanto, nos torna responsáveis, mas não necessariamente bons ou maus. Com efeito, ser bom depende dos fins e, para Aristóteles, os fins não são objeto de escolha, mas sim de volição. Mas a vontade quer sempre e só é bem, ou melhor, aquilo que aparece nas vestes do bem. Desse modo, para ser bom, é preciso querer o bem verdadeiro e não aparente; mas só o homem virtuoso, ou seja, o homem bom, sabe reconhecer o verdadeiro bem como se vê, gira se num círculo que, além disso, é interessantíssimo. Aquilo que Aristóteles busca, mas ainda não consegue encontrar, é o livre arbítrio. E suas análises sobre a questão são interessantíssimas principalmente por isso, ainda que aporéticas. Aristóteles compreendeu e afirmou que o homem virtuoso vê o verdadeiro em toda coisa, considerado que é norma e medida de toda coisa. Mas não explicou como e porque o homem se torna virtuoso. Assim, não é de surpreender o fato de que

³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. V. II. Pg. 21.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. V. II. p. 23.

Aristóteles chegou a sustentar que, uma vez que o homem torna-se vicioso, não pode mais deixar de sê-lo, embora, na origem, fosse possível não tornar-se vicioso. Mas somos obrigados a reconhecer que não foi apenas Aristóteles, mas também nenhum outro filósofo grego, a não conseguir resolver essas aporias, pois só com o pensamento cristão é que o ocidente descobriria os conceitos de vontade e de livre - arbítrio. Se reconhecemos que a atividade do intelecto distingue-se pela dignidade no sentido de que é uma atividade teórica, não visando nenhum outro fim para além de si mesma, tendo o prazer que lhe é próprio o que concorre para intensificar a atividade e, por fim, se o fato de ser auto-suficiente, de ser como que ócio, de não produzir cansaço por quanto é possível a um homem e tudo o mais que é atribuído ao homem bem-aventurado se manifestam em conexão com essa atividade, então, conseqüentemente, essa será a perfeita felicidade do homem quando cobrir toda a duração de uma vida."⁵

RAZÃO

Sabe-se que a razão é próprio do homem, o qual deve-se utilizar do raciocínio para pensar, refletir e compreender a sua própria essência. Com efeito todos os homens pertencem a uma atividade, e a felicidade identifica-se sendo uma das melhores e alta necessidade dos bens exteriores. Pois não é fácil realizar algo importante sem utilizar alguns meios bem como: riqueza, poder político e até mesmo os amigos, existe também algumas dificuldades para se chegar a ser feliz.

De acordo com a razão, que produz o juízo de modo a orientar a nossa vida e evitar os elementos que levam aos desejos e prazeres. O ser humano se torna contente quando confia a sua razão que rege a sua vida.

A confiança na razão é independente da lógica, o homem torna se centro, o qual determina um surgimento que possibilita mudar a realidade através da modernização da ciência.

Vendo então a necessidade de pensar, para chegar a razão o homem considera a questão da felicidade com algo individual.

O homem possui uma faculdade, que é planejar o que ele quer fazer, e isto é razão, é o raciocínio do homem, Aristóteles diz que isto é essência do homem, sendo a única coisa que distingue o homem dos outros animais, é através da razão, do raciocínio que leva o homem a felicidade última.

⁵, Giovanni REALE, *História da Filosofia*. v. I. p.206.

Para ele existe coisas que define as coisas tais como: felicidade deve ser a vida da faculdade de raciocínio e sendo assim uma atividade, não uma meia potencialidade. A razão é superior a todas as coisas da alma, pois esta deve controlar todas as coisas da alma, pois esta deve controlar todos os desejos do homem. O principal é viver sempre seguindo a razão, mas ele não joga fora a questão do prazer, honra ou riqueza, mas este trás apenas a felicidade espontânea.

O homem é principalmente razão, mas não apenas, pois na alma há algo estranho a razão, o qual se opõe a ela, mais precisamente a parte vegetativa. Pois ao passo que a faculdade do desejo e do apetite participa de alguma forma, enquanto escuta e obedece.

Parece haver na alma outro elemento irracional, só que de certo modo participa da razão, são os impulsos que movem em sentido contrário, tentando resistir. De certo modo o elemento irracional é persuadido pela razão, pois pode afirmar que esse elemento também possui principio básico racional.

Razão é uma "faculdade" própria do homem, que o distingue dos animais. A razão de ser de uma coisa é sua essência necessária, assumindo por "razão" a própria substância ou a sua definição. Ter razão, é Ter argumento, provas suficiente, estar com a verdade. A razão é a força que liberta dos preconceitos, do mito, das opiniões enraizadas mas falsas e das aparências, permitindo estabelecer um critério universal.

A razão é a força que possibilita a libertação dos apetites que o homem tem em comum com os animais, submetendo-os na justa medida. Mas a razão também tem conseqüências positiva e negativa: negativa em relação às crenças infundadas e aos apetites animais; positiva no sentido de dirigir as atividades humanas de maneira uniforme e constante. Vê-se que há uma divisão simétrica entre os animais e os homens: os animais são guiados pelo instinto, que os leva a conservar-se e a procurar o que é vantajoso; aos homens foi dado o guia mais perfeito, que é a razão, desse modo, para eles, viver segundo a natureza significa viver segundo a razão.

O conceito da razão como discurso permite a consideração formal do procedimento racional, possibilitando uma lógica tradicional, que pode ser entendida como lógica descritiva e normativa: descritiva em relação aos procedimentos próprios da razão; normativa no sentido de que essa mesma descrição vale como regra para o uso correto da razão. A lógica tradicional era definida como "arte de

raciocinar". A faculdade ativa do ser a quem a razão coube em sorte, que o consideremos como submetendo as decisões da razão, enquanto possuidor dessa mesma razão juntamente com o pensamento. Se a obra do homem é uma atividade da alma, conforme a razão, e pode afirmar que além de ser uma obra do homem em geral, ela pode ainda ser a do homem de bem, sendo então uma virtude.

O homem é principalmente razão, mas não apenas razão. Com efeito, na alma há algo de estranho à razão, que a ela se opõe e resiste, mas que, no entanto, participa da razão. Mas precisamente: a parte vegetativa não participa em nada da razão. Ao passo que a faculdade do desejo e, em geral, a do apetite participa de alguma forma dela enquanto a escuta e lhe obedece. Ora o domínio dessa parte da alma e sua redução aos ditames da razão é a virtude ética, a virtude do comportamento prático.⁶

VIRTUDE

A felicidade deve estar de acordo com a virtude e se existir mais de uma, deve-se ficar de acordo com a melhor e mais perfeita. Felicidade deve manifestar não somente em pequenos períodos, mas por toda a vida.

A virtude não é um Dom, você não nasce virtuoso, mas pode conseguí-la através da prática diária, adquire com o tempo e a prática nos leva a ser virtuoso. Tem que saber, conhecer e agir corretamente para ser virtuoso, conseguindo então a felicidade. A virtude moral é quando você raciocina para agir com a prática.

A felicidade é para os homens o bem desejável em si mesmo, sendo a felicidade com o fim, é o agir correto. E o homem feliz vive bem e age bem. Segundo Aristóteles a virtude não é uma questão de natureza, mas deve-se buscá-la tendo hábito por boas ações tornando-nos pessoas mais nobres.

É muito complicado definir a ação adequada para cada situação, pois nem tudo que é correto em uma ocasião pode ser para outra. Não há normas que regularizam as circunstâncias, elas se estabelecem entre os homens, que as determinam das mais diversas maneiras a agir corretamente. Sendo preciso escolher e agir corretamente de acordo com cada situação, sendo necessário um conhecimento que seja bom tanto para si, quanto aos outros.

⁶ REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. v. I. p.204.

Vê-se também que há uma necessidade de maior conhecimento do bem, pois o fato de sermos movidos muitas vezes por prazeres, pode interferir na capacidade de escolher as boas ações, pois é o prazer que leva as más ações.

Para realizarem as boas funções o ser humano precisa sentir o prazer de maneira adequada e sem excesso, mas senti-la de maneira apropriada e conveniente, pode ser o meio-termo e a excelência característica da virtude, que pode levar ao fim, a felicidade.

Os homens almejam a felicidade, mas ninguém consegue perceber o que torna a vida feliz, o fim último é o bem que conduz á felicidade mediante a virtude. A virtude é poder viver conforme a natureza.

Pode se destacar alguns exemplo de virtudes ética, tais como:

- Temperança – que domina os prazeres. Deve aprender a sentir prazer de modo certo e no tempo conveniente principalmente em relação a comida, bebida e relações sexuais. Tudo que faz deve saber controlar;
- Coragem- que se deve fazer em relação ao perigo, não por gostar, mas saber agir no momento certo, que age pelo bem da sociedade, família, ou por si próprio;
- Termeridade – é a pessoa que age com medo para dizer que é corajoso, somente para aparecer;
- Magnanimidade – é o orgulho e respeito próprio. É a pessoa que não gosta de dever favor a outro, faz algo para não dever a ninguém, prefere que o outro lhe deva favor;
- Diálogo – há pessoas que tem o defeito de se arruinar, esbanjando suas poses. Sendo também liberais não tendo vocação para guardar o que tem, mas sim para gastar;
- Magnância – é a pessoa que deseja as grandes coisas e está a altura delas;
- Ação involuntária – é quando você age sem saber o que está fazendo, isto é, sem conhecer. O verdadeiro fato, quando age sem saber a verdade, não tem certeza é ignorante no assunto;
- Ação voluntária – é quando age, tendo conhecimento do assunto, quando você tem certeza, conhece a verdade. A origem do ato está na pessoa que age, o ato é voluntário. O ato é sempre Voluntário, quando age com conhecimento do fato.

O bem, a felicidade, consiste na atividade da alma, a virtude, é a perfeição da alma racional, existe também a virtude dianoética e a sapiência: A

dianoética consiste em coordenar bem a vida do ser humano, isto é, fazer com que age de maneira correta. Já a sapiência é o conhecimento das realidades, é o exercício da dianoética, as quais fazem com que o homem alcança a felicidade máxima.

A virtude também se divide em espécies de acordo com esta diferença, porquanto dizemos que algumas virtudes são intelectuais e outras morais; entre as primeiras temos a sabedoria filosófica, a compreensão, a sabedoria prática; e entre as segundas, exemplo, a liberdade e a temperança. Com efeito, ao falar do caráter de um homem não dizemos que ele é sábio ou que possui entendimento, mas que é calmo ou temperante. No entanto, louvamos também o sábio, referindo-nos ao hábito; e aos hábitos dignos de louvor chamamos virtude.

Já que a felicidade é uma atividade da alma conforme a virtude perfeita, devemos considerar a natureza da virtude pois talvez possamos compreender melhor, por esse meio, a natureza da felicidade.⁷

JUSTIÇA

Aristóteles nos fala também da justiça, que esta também nos traz a felicidade. A justiça é a igualdade, verdade, caminho para o bem. A justiça da reciprocidade é quando alguém rouba o outro, este revida roubando o outro também, ele está fazendo justiça.

Para ele justiça pode ser chamada justiça legal, baseada na lei. A lei deveria governar a totalidade do comportamento humano é ser uma observância rigorosa da sociedade.

Não existe justiça ou injustiça individual, sempre é em relação a alguém. A lei estabelece o justo, igualdade entre as pessoas e esta ordena os atos bons e justos.

A justiça consiste na obediência à lei e no tratamento igual é o espírito humano da lei em qualquer lugar do mundo e esta essência da lei, muitas vezes aplicado de forma igual para todos.

Justiça não é um contrato entre um e outro. Por isso existe a lei para tornar justo. A lei é a face social da justiça e esta tem que ser vista e serve para

⁷ ARISTÓTELES, ÉTICA A NICÔMACO. v. II. p. 23 e 24.

regular o comportamento do homem. Justiça é o meio termo, ligada a virtude e a moral, a melhor virtude é a justiça.

Para Aristóteles os bens públicos devem ser distribuídos de forma igual para todos os cidadãos. Pois, vê que a questão da pobreza é uma coisa que feita pelas próprias mãos e não uma pobreza de procedência.

Numa sociedade todos cidadão tem duas relações que é voluntária e involuntária. A voluntária é quando duas pessoas combinam, fazem acordo e um dos dois não cumpre o acordo e tenta passar o outro para trás, sendo assim, o juiz restabelece a lei e a involuntária é quando alguém comete algo contra o outro sem Ter combinada, sem acordo.

A lei não foi feita para ser interpretada e sim aplicada. O dinheiro não é por natureza e sim foi feito por lei, foi o homem que criou pela necessidade de consumo e pode tornar inútil, para a felicidade. O dinheiro e apenas um meio e não o fim.

Segundo Aristóteles, a justiça é a virtude integral e perfeita: integral porque compreende todas as outras ; perfeita porque quem a possui pode utilizá-la não só em relação aos outros.

DESEJO

A escolha para Aristóteles muitas vezes é confundida com desejos. Bem como a felicidade é desejo e não escolha. Escolha é quando você tem muitas coisas e pode escolher entre estas uma ou mais. É quando você escolhe o meio e não o fim, como a felicidade é o fim. O meio é para chegar ao fim e o fim é desejo e o meio é a escolha. Para Aristóteles, o desejo é "o apetite do que é agradável".

Na literatura contemporânea a palavra desejo tem assumiu alguns significados novos. Definiu o desejo como atividade que procura agir no sentido de romper o dique que a retém. O objeto que se apresenta no pensamento como meta do desejo é o objeto do ambiente que, se estivesse presente, garantiria a reunificação da atividade e a restauração de sua unidade.

Vinculou-se o desejo à natureza do homem como ser projetante: "O ser para as possibilidades manifesta-se em geral como puro desejo". No desejo, o ser-ai projeta seu ser para possibilidades que não somente não são captadas na

ocupação, como também não se examina seriamente nem se espera a sua realização.

AMIZADE

A ética de Aristóteles é individualista, ele não preocupa com o grupo, ele preocupa com o indivíduo. Para ele um amigo é uma das melhores coisas que o homem pode Ter. Mas tem que Ter cuidado com o tipo de amigos e ele coloca dois tipos de amigos: amigos por prazer e por interesse. Mas estes não são conveniente.

O verdadeiro amigo é aquele que tem caráter e interesse pelo outro como pessoa. A amizade é a natureza mais íntima da relação encontrada na relação do homem feliz consigo mesmo. O homem deseja e realiza o melhor para seu elemento intelectual, o qual representa, em verdade ele mesmo.

Para obter uma amizade perfeita deve Ter o mínimo de amigos possível, pois quando o amigo precisar do outro, deve estar com ele todo o tempo. Sabe-se que não é possível estar com muitos ao mesmo tempo. O amigo é duas almas num só corpo. Para o homem ser feliz ele precisa de um amigo.

Vê-se a amizade como uma virtude, o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece como riqueza, não podem ser conservados. A amizade não deve ser confundida com o amor, pois a amizade é mais ampla e nasce da utilidade do bem, buscando sempre a confiança, que é parte fundamental da amizade.

A amizade fundada no bem é a mais estável e firme, portanto a verdadeira amizade. A amizade fundada na utilidade ou no prazer esta destinada a acabar quando estes se esgotarem. Sendo esta uma análise bela e completa sobre o termo amizade vê-se apoiada em vários aspectos:

- A amizade é uma comunidade participativa e solidária de várias pessoas em atitudes, valores e bens determinados;
- Está ligada no amor, tendo formas semelhantes, mas não se identifica com o amor;
- Aproxima-se mais a benevolência e por isso, está vinculada aos afetos positivos, que implicam solicitude, cuidado e piedade.

Assim segundo Aristóteles, a amizade é diferente do amor, pois a amizade é mais ampla, e tem um caráter mais ampla e seletiva, sendo o amor uma afeição e a amizade um hábito.

A amizade nasce do útil, mas é um bem por si. Amigo não é quem procura sempre o útil, nem quem nunca o une à amizade como um tráfico de vantagens, e o segundo destrói a esperança confiante de ajuda, que é parte importante da amizade.

VERDADE

Em primeiro lugar deve-se analisar as coisas realmente como são, para saber se é a verdadeira felicidade. Deve questionar, para ver as coisas como é. Deve ser algo exclusivo do homem, não dá para partilhar com os animais, precisa ser totalmente verdadeiro. Só o ser humano tem condições de fazer uma análise para chegar a felicidade, buscando em primeiro lugar a verdade, a qualidade virtuosa do homem o qual o torna eficaz.

Ser verdadeiro é o caminho para chegar as coisas como são. A verdade só é verdadeira por ser útil, para estender o conhecimento, ao domínio do homem sobre a natureza e para ser necessário a solidariedade e a ordem do mundo humano.

Aristóteles enunciava duas teses fundamentais dessa concepção de verdade. A primeira é que a verdade está no pensamento ou na linguagem, não no ser ou na coisa. O segundo é que a medida de verdade é o ser ou a coisa, não o pensamento ou o discurso.

AMOR

O amor em Aristóteles é quando a pessoa se vê no outro, isto é, quando ele se vê nela e ela se vê nele, quando se vêem a própria imagem no outro.

Quando se tem a capacidade de estar de bem consigo mesmo e com o próximo, está colocando em prática o amor, pois sabe-se que se não nos amarmos primeiro, seremos incapazes de amarmos o outro. O amor é sentimento que tem o

poder de unir e estabilizar as atividades visadas por todo universo, pois ele tem uma força inigualável.

A vida é um processo do qual damos e recebemos sentimentos, dentre eles o amor, o qual nos indica uma luz que irradia e nos contagia a possibilidade de amar ao íntimo e aprendemos a aceitar, a perdoar e acreditar em si próprio, tornando capaz de amar verdadeiramente o próximo.

Se formos dotados do amor, ele toma conta do nosso ser e a força nos faz brilhar trazendo mais paz interior e harmonia. É fundamental que o amor seja expresso, pois a falta de expressão pode trazer problemas ao amor.

O amor é um sentimento que nos liga aos sentimentos, nos coloca interessados ao bem do outro como um interesse pessoal, ligando a fonte da vida que mantém o equilíbrio da natureza. Ele faz com que não tentamos mudar, nem interrogar o outro, devemos aceitar e respeitar o outro ser que amamos como ele realmente é.

Aristóteles reconhece no amor o fundamento de necessidade, imperfeição ou deficiência, sendo um fenômeno humano, uma afeição, uma modificação passiva. Ninguém é atingido pelo amor se não foi antes ferido pelo prazer da beleza. O amor está ligado ao prazer pode começar e acabar rapidamente, mas pode também dar lugar à vontade de conviver.

O amor é a força que une o mundo e tudo que nele existe. É a força que estabiliza, harmonia, equilibra e acomoda e que está sempre em atividade por todo o universo. A vida é sempre um processo de dar e receber amor, em todos os aspectos. O amor, tudo indica, é uma luz radiante que eleva. É impossível amar aos outros, sem, primeiro, amar a si mesmo. Quando a pessoa se rejeita, é cheia de sentimento de culpa, tem uma auto - estima baixa, não consegue sentir e nem expressar amor autêntico. O amor começa dentro da pessoa, no seu íntimo. Somente quando a pessoa tem amor por si mesma, aceitando-se, e acreditando em si própria, torna-se capaz de amar verdadeiramente o seu próximo.⁸

A FELICIDADE SEGUNDO O DICIONÁRIO

A felicidade, em geral, é um estado de satisfação devido à situação no mundo. Por esta relação com a situação, a noção de felicidade difere de bem-

⁸ TELES, Maria Luiza Silveira. *Filosofia para Jovens*. p. 47.

.aventurança, que é o ideal de satisfação independente da relação do homem com o mundo, por isso limitada à esfera contemplativa ou religiosa. O conceito de felicidade é humano e mundano.

Demócrito, de maneira quase análoga, definia a felicidade como “a medida do prazer e a proporção da vida”, que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos. De qualquer maneira, felicidade e infelicidade pertencem à alma, uma vez que somente a alma “é morada do nosso destino”. A relação que muitas vezes se estabeleceu entre felicidade e prazer tem o mesmo significado, ou seja, é a conexão entre o estado definido como felicidade e a relação com o próprio corpo, com as coisas e com os homens. A tese segundo a qual a felicidade é o sistema dos prazeres foi expressa com toda a clareza por Aristipo, que fez a distinção entre prazer e felicidade. Somente o prazer é bem, porque só ele é desejado por si mesmo, sendo portanto fim em si. “O fim é o prazer particular, a felicidade é o sistema dos prazeres particulares, em que se somam também os passados e os futuros”.

Egesias, que negava a possibilidade de felicidade, negava-a justamente pelo fato de que os prazeres são demasiado raros e passageiros. Por outro lado, Platão negava que a felicidade consistisse no prazer e a julgava, ao contrário, relacionada com a virtude. “Os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança, os infelizes são infelizes por possuírem a maldade”, e são chamados de felizes “aqueles que possuem bondade e beleza”.

Mas justiça e temperança são virtudes, e a virtude não é outra coisa, senão a capacidade da alma de cumprir seu próprio dever. A noção platônica de felicidade é relativa à situação do homem no mundo e aos deveres que aqui lhe cabem. Quanto a Aristóteles, insistiu no caráter contemplativo da felicidade em seu grau superior, a bem-aventurança, mas apresentou uma noção mais ampla de felicidade, definindo-a como “certa atividade da alma, realizada em conformidade com a virtude”, ela não exclui, mas inclui a satisfação das necessidades e das aspirações mundanas.

A ética pós-aristotélica, ao contrário, ocupa-se exclusivamente da felicidade do sábio, a nítida distinção feita pelos estóicos entre sábios e loucos torna obviamente inútil preocupar-se com estes últimos. O sábio é aquele que basta a si mesmo e que acha a felicidade em si mesmo, o que melhor se chamaria bem-aventurança. Nos estóicos Plotino critica a incoerência que consiste em considerar a

felicidade independente das coisas externas ao mesmo tempo que aponta essas mesmas coisas como objeto da razão.

Locke diz que a felicidade “é o maior prazer de que somos capazes, e a infelicidade o maior sofrimento, o grau ínfimo daquilo que pode ser chamado de felicidade é estar tão livre de sofrimentos e Ter tanto prazer presente que não é possível contentar-se com menos”. E Leibniz diz: “Creio que a felicidade é um prazer durável, o que não poderia acontecer sem o progresso contínuo em direção a novos prazeres”.

A filosofia contemporânea ainda não se deteve para analisar a noção de felicidade nos limites em que ela pode servir para descrever situações humanas e orientá-las. Contudo, a importância dessa noção é hoje evidenciada pelo interesse que algumas noções negativas como “frustração”, “insatisfação”, tem na psicologia individual e social, normal e patológica. Estas noções e outras análogas indicam, a ausência de satisfação pelo menos relativa que a palavra felicidade tradicionalmente designa.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo foi analisado a questão do que seja a felicidade, e o pensamento de alguns outros filósofos. Sabe-se que só é possível encontrá-la através de uma busca constante, com o recuar e a vontade infinita de viver, tendo o coração aberto para os sonhos, o amor, a esperança.

A felicidade é considerada algo desejável por todo homem, é absoluto e em todas as ações colocada pelo o homem, é ela a finalidade, a bem-aventurança a qual faz com que o homem se satisfaz. A busca da felicidade é vinculada á procura do bem supremo e da virtude, a felicidade é uma coisa agradável para quem a possui, ela é um fim a ser atingido, na medida em que a buscamos. Vê-se que a felicidade é qualquer coisa perfeita e que basta a si mesmo, sendo que é o fim de todos os nossos atos.

A ação mais efetiva e poderosa da felicidade é o entendimento daquilo que pode ser mais interessante, dentre as coisas mais conhecidas, as mais importantes são aquelas que pode conhecer.

Para Sócrates o ponto de partida para a felicidade é conhecer a si mesmo, a ética socrática é baseada na tentativa de uma compreensão do homem. Conhecendo-se o homem tomará posse de si mesmo, conduzindo-se para onde quer, e como almeja o bem maior, a felicidade, pois tem posse e domínio sobre a si mesmo. Só quem se conhece sabe o que quer e procura a conhecer o caminho do bem. A vida não analisada, não merece ser vivida, viver é analisar a vida é conhece-la e assumi-la, alcançando seu objetivo.

Demócrito dizia que a felicidade era baseada no prazer e a proporção da vida, era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos. Já Locke vê-se que a felicidade é o prazer de sermos capazes e que a felicidade pode ser o maior sofrimento. Acredita-se Leibniz que a felicidade é um prazer durável. A preocupação de Santo Agostinho é saber se temos ou não noção de felicidade em nossa memória. Para Tales o homem feliz precisa de Ter corpo forte e alma bem formada. O bem supremo para Kant não é realizável no mundo natural, o homem é a síntese de virtude e felicidade. Hegel torna a felicidade o ideal de um estado ou condição

inatingível. Nota-se Russel que a felicidade é uma condição indispensável para o homem.

No segundo capítulo fala-se da vida e obra de Aristóteles e da felicidade para Aristóteles, abordando também a questão de vários outros conceitos ligados a felicidade para o ser humano, os quais contribuem em seu raciocínio para facilitar a conclusão do que seja felicidade.

Aristóteles tinha raiz jônica e a sua família era ligada a medicina, e a casa reinante da Macedônia, seu pai Nicômaco era médico e amigo do rei Amintas II. A cidade onde Aristóteles nasceu em 384 a. C., ficava na Calcídica, e apesar de estar situada distante de Atenas, em território sob a dependência da Macedônia, era na verdade uma cidade Grega. A vida de Aristóteles, e até certo ponto, sua obra foi marcada por uma cultura Helênica e a aventura política da Macedônia. Aristóteles escreveu o diálogo sobre a filosofia, corpus Aristotélicum, a física, sobre o céu, sobre a geração e a corrupção, estudos sobre o mundo sideral e o sublimar, e os meteorológicos. E logo após deixar Atenas refugiou-se em Cãlcis, na Eubéia, e faleceu o ano de 322 a. C.

Sabe-se que para Aristóteles a felicidade é como certa atividade da alma, ela não exclui, mas inclui a satisfação das necessidades e das aspirações mundanas. As pessoas felizes podem possuir duas espécies de bens distinguindo-se em exteriores do corpo, e os interiores da alma. Mas em geral pode-se dizer que cada qual merece a felicidade na medida da virtude, do juízo e acessível ao sábio que facilmente se basta a si mesmo, e é isso que deve tender todos os homens. A felicidade todavia, ninguém escolhe tendo em vista qualquer coisa que não seja ela própria, visto que o homem nasceu para a cidadania, mas a felicidade é considerada a mais desejada de todas as coisas, é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente sendo também a finalidade da ação, uma função, sentido de atividade, ações da alma que implicam um princípio racional, a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas.

Para ele a felicidade pode ser encontrada na terra, ela é humana e que o homem deve querer ser virtuoso quando se trata de verdade. Vê-se o virtuoso, como um contemplador, que raciocina e tem razão, coloca-se também que o homem sendo um ser de razão, pensante, virtuoso, pode escolher o que é melhor para si e conseguir a felicidade. O homem age sempre tendo em vista algo, um objetivo, só que nem sempre sabe o que está fazendo, e muitas vezes não sabe o que é

felicidade. Logo tenta mostrar o caminho da felicidade, que é a principal essência da ética, felicidade não é coisa só de momento, mas deve atingir até o fim. Fala-se sobre a riqueza que não traz a verdadeira felicidade, torna a vida ainda mais absurda porque o Ter coloca contra o próprio homem, pode ser um meio mas nunca um fim, a riqueza por isso torna tão absurda.

Tudo que o homem faz, que ele imagina, tudo que ele realiza o objetivo é a felicidade, a qual é o bem maior que é necessário aperfeiçoa-la sempre, usando a razão para que possa diferenciar dos outros animais. Vê-se que para viver bem é preciso fazer um bom uso da razão, pois esta estabelece a função do próprio homem.

O homem é um ser de razão, necessita refletir, analisar, antes de agir, pois só assim consegue ações nobres. Ele sempre age tendo em vista alguma coisa, em um certo objetivo a ser alcançado, e isto é a essência do homem, que é a única coisa que distingue o homem dos outros animais. A razão é superior a todas as coisas da alma, sendo ela a controladora dos desejos do homem.

a razão é independente da lógica, o homem torna se centro, o qual determina um seguimento que possibilita mudar a realidade através da modernização da ciência. A razão é uma faculdade própria do homem, Ter razão, é Ter argumentos, provas suficiente, é estar com a verdade, é a força que liberta dos preconceitos, do mito, das opiniões enraizadas nas falsas aparências, permitindo estabelecer um critério universal.

A virtude consiste em fazer com que o homem seja capaz de realizar seu próprio dever e suas obrigações, pois o fato de sermos movidos muitas vezes pelo prazer, pode interferir na capacidade de escolher as boas ações, por que é o prazer que nos leva as más ações. Para o homem sentir-se bem precisa sentir prazer de forma adequada, de maneira apropriada e corretamente, pode ser o meio termo, a característica da virtude, a qual pode levar a felicidade. A Virtude não é um Dom, você não nasce virtuoso, mas pode consegui-la através da pratica diária, adquire com o tempo e a pratica nos leva a ser virtuoso. Tem que conhecer e agir corretamente para ser virtuoso, conseguindo então a felicidade, a virtude moral é quando você raciocina para agir com a pratica.

Para realizarem as boas funções o ser humano precisa sentir o prazer de maneira adequada e sem excesso, mas senti – lá de maneira apropriada e

conveniente, pode ser o meio termo e a excelência característica da virtude, que pode levar ao fim, a felicidade.

A justiça consiste na obediência à lei e no tratamento igual, é o espírito humano da lei em qualquer lugar do mundo e esta é essência da lei, muitas vezes aplicado de forma igual para todos. Não existe justiça ou injustiça individual, sempre é em relação a alguém, a lei estabelece o justo, igualdade entre as pessoas e esta ordena os atos bons e justos.

A escolha para Aristóteles muitas vezes é confundida com desejos, bem como a felicidade é desejo e não escolha. O objeto que se apresenta no pensamento como método do desejo é o objeto do ambiente que se estivesse presente, garantiria a reunificação da atividade e a restauração da sua unidade.

Vê-se a amizade como uma virtude o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece como riqueza, não podem ser conservados. A amizade não pode ser confundida com o amor, pois a amizade é mais ampla e nasce da utilidade do bem, buscando sempre a confiança, que é parte fundamental da amizade. O verdadeiro amigo é aquele que tem caráter e interesse pelo outro como pessoa. A amizade é a natureza mais íntima da relação encontrada na relação do homem feliz consigo mesmo.

Ser verdadeiro é o caminho as coisas como são, a verdade só é verdadeira por ser útil, para estabelecer o conhecimento, ao domínio do homem sobre a natureza e para ser necessário a solidariedade e a ordem do mundo humano.

A vida é um processo do qual damos e recebemos sentimentos, dentre eles o amor, o qual nos indica uma luz que irradia e nos contagia a possibilidade de amar ao íntimo e aprendemos a aceitar, a perdoar em si próprio, tornando capaz de amar verdadeiramente o próximo.

Segundo o dicionário de filosofia a felicidade, em geral é um estado de satisfação no mundo. Por esta relação com a situação, a noção de felicidade difere de bem-aventurança que é o ideal de satisfação independente da relação do homem com o mundo, por isso limitada à esfera contemplativa ou religiosa.

O ser humano considera a questão da felicidade como algo individual, pois esta consiste em equilíbrio e as faculdades do que se quer e do que se pode. Não há uma receita para felicidade, nem soluções imediatas, nem é permanente, precisa que cada um procure ser feliz do seu jeito resgatando a originalidade,

espontaneidade e estar sempre em busca e nunca esquecer que felicidade mora no próprio interior. Felicidade é busca incansável de estar de bem consigo mesmo, com as pessoas, com a vida e não deixar que problemas materiais a prejudiquem.

Necessita-se perceber a importância de lutar pela felicidade, pois só assim o homem consegue se realizar na qualidade de pessoa humana, percebe-se que não tem como fugir da filosofia por que o filósofo estuda a ética principalmente refletindo o comportamento do homem, como ele deve agir, se está no caminho correto ou não e isto é sua própria essência, mais sempre há uma dúvida, será que existe felicidade verdadeira e plena?

Na qualidade de ser humano, acredita-se que é possível o homem conseguir ser feliz, pois só ele é capaz de raciocinar e analisar o que quer em sua existência podendo então chegar ao seu fim último, a felicidade.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991, (col. Os Pensadores v. I e II)

CRESSON, André. **Aristóteles**. Lisboa, Ed. 70, 1943.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. Antigüidade e Idade Média. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 1990. (v. I)

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para Jovens**. Uma iniciação à Filosofia. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.